



HOMOAFETIVIDADE E VIDA POSITIVA: memória, identidade e intolerância

Ana Rita de Oliveira Souza da Silva¹

1 INTRODUÇÃO

A epidemia do vírus da imunodeficiência humana (HIV) teve seu início na década de 1970, sendo classificada na década de 1980, momento em que infectou e matou em especial pessoas homossexuais e passou a ser chamada de “peste gay”. Considerando essa conjuntura, buscaremos entender as repetições e reformulações de enunciados que pertencem a esta memória sobre a doença. É importante ressaltarmos o fato de que até hoje a doença causada pela infecção do vírus, a AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – não tem cura. Este também é um dos motivos a serem considerados quando problematizamos a intolerância aos infectados pelo vírus.

Para tanto, utilizaremos como arcabouço teórico estudos de Pêcheux sobre memória discursiva e formação discursiva, bem como estudos a respeito da constituição do discurso intolerante (LARA; LIMBERTI, 2015) e da identidade de gênero (PARKER, 2002). Segundo essa perspectiva de análise, trataremos memória discursiva como não determinada psicologicamente, mas construída coletivamente a partir de enunciados reformulados, transformados, repetidos ao longo da História. Igualmente importante será o conceito de formação discursiva, definido por Pêcheux (2009) como princípio regulador do que pode e deve ser dito a depender da filiação à determinada formação ideológica.

O trabalho tem caráter qualitativo e se propõe a, com base na teoria, analisar o corpus discursivo, constituindo, assim, uma pesquisa de método dedutivo. Em posse dos conceitos, teremos como procedimento metodológico em primeiro momento a definição dos enunciados “permitidos” e passíveis de serem formulados no que denominaremos formação discursiva intolerante em questão, não sem levar em consideração o papel da memória discursiva para o funcionamento desta formação.

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE.

Em segundo momento, para melhor analisarmos, estabeleceremos nossos critérios de análise com ajuda das orientações de pesquisa fornecidas por Courtine (2009). Posteriormente trataremos da questão da sexualidade, da homoafetividade e da sua relação com o HIV, para então, numa quarta e última etapa, elencarmos sequências discursivas de referência e formulações de referência a serem analisadas com atenção.

2 MEMÓRIA, FORMAÇÃO DISCURSIVA E DISCURSO INTOLERANTE

Nesta seção, temos a intenção de articular os conceitos de memória, formação discursiva e discurso intolerante. O conceito de discurso intolerante nos dará base para identificar traços da formação discursiva que lhe corresponde, de modo que saibamos os sentidos possíveis dentro dessa formação e a partir de que características ela se constitui. A memória discursiva, por sua vez, se relaciona ao conceito de formação discursiva intolerante, que trabalharemos aqui, ao irromper no intradiscursivo formulações que precedem a atualidade e que têm existência histórica.

A memória discursiva não se caracteriza por ser psicologizante ou individual, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador (ACHARD *et al*, 1999, p. 50). Permite, dessa maneira, que um acontecimento histórico, descontínuo e exterior, se inscreva na continuidade interna do enunciado. Portanto, a memória trabalha de modo a se movimentar do espaço interdiscursivo ao intradiscursivo, através do surgimento de formulações que repetem, denegam, refutam, transformam. Para tanto, Courtine (2009) destaca o papel dos enunciados, que constituem os elementos de saber “indefinidamente repetíveis” próprios a uma Formação Discursiva, a agir como princípios de aceitabilidade. Desta maneira, eles governam a repetibilidade no seio de uma rede de formulações. Conseqüentemente, no presente trabalho, é necessário demonstrar de que modo se dá o efeito da memória na atualidade do acontecimento e de que modo a formação discursiva intolerante se utiliza da memória discursiva na reformulação do enunciado.

Pêcheux (2009, p. 147) define como formações discursivas “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser*

dito". E continua, ao dizer que as formações discursivas são responsáveis pelos sentidos das palavras, expressões, etc.; e também pela interpelação dos indivíduos em sujeitos-falantes. As formações discursivas, conceitua Pêcheux, "representam na linguagem" as formações ideológicas que lhes são correspondentes.

Para E. Landowski (*apud* LARA; LIMBERTI, 2015, p. 62), a afirmação da identidade, que se dá no confronto entre um sujeito e outro, pode suscitar diversos tipos de preconceitos e intolerâncias com o objetivo principal de reconquista da identidade que se pensa ameaçada. Os discursos de identidade em relação ao "outro" se mostram de diversas formas, seja por assimilação (transformação do "outro" em um de "nós"), por exclusão (em que há a proposição da negação do "outro" para que se preserve o "nós"), por segregação (manutenção das diferenças, mas sem inter-relações) e, por agregação (um e outro coexistem sem perder suas identidades). É importante destacar a organização dos discursos intolerantes como discursos de sanção ao "outro", que não se adéqua aos contratos sociais. Em geral esses discursos são marcados por paixões (ódio, raiva etc.) e por medo, bem como por oposições semânticas entre igualdade e alteridade. Dentre os possíveis percursos (LARA; LIMBERTI, 2015, p. 65) das relações intolerantes estão: a animalização do "outro"; a anormalidade do diferente; o caráter doentio da diferença; e a imoralidade do "outro". Inscreveremos no que denominamos "formação discursiva intolerante" os enunciados (domínios de saber) que se manifestam no discurso através de reformulações de modo a suscitar os efeitos de sentido descritos ao se tratar de discurso intolerante.

3 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DISCURSIVA DE REFERÊNCIA E CONDIÇÕES DE FORMAÇÃO DE UM PROCESSO DISCURSIVO NO INTERIOR DE UMA FORMAÇÃO DISCURSIVA DE REFERÊNCIA

Com o objetivo de introduzirmos questões que serão retomadas quando da análise do corpus, a presente seção corresponderá a conceitos a serem mobilizados posteriormente. Courtine (2009) propõe que tanto as condições de produção de sequências discursivas de referência quanto as condições de formação de um processo discursivo no interior de uma Formação Discursiva de referência devem ser observadas articuladamente – mobilizando, dessa maneira, tanto aspectos

intradiscursivos quanto interdiscursivos. Para Courtine, escolher uma sequência discursiva de referência equivale a:

determinar a pertinência histórica de tal conjuntura, a situar a produção dessa sequência na circulação de formulações trazidas por sequências discursivas que se opõem, se respondem, se citam..., a descrever, enfim, o âmbito institucional e as circunstâncias enunciativas dessa produção (COURTINE, 2009, p.108)

Para Orlandi (2001, p.30), as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Podem ser consideradas tanto em sentido estrito – tomado como as condições de enunciação ou contexto imediato – quanto em sentido amplo, em que incluem contexto sócio-histórico, ideológico. No presente artigo, trabalharemos com a primeira noção apenas por questões metodológicas, para que o texto se torne mais didático. Entretanto, temos consciência de que o contexto imediato se articula ao contexto sócio-histórico e ideológico. Essa articulação será feita através da junção do conceito de condições de produção com o conceito de condições de formação do processo discursivo.

Courtine (2009, p. 110) parece também se inscrever no grupo descrito por Orlandi (2001) que considera as condições de produção em sentido estrito, ao relacionar as condições de produção de uma sequência discursiva de referência a um sujeito de enunciação e a uma situação de enunciação

determináveis em certo número de coordenadas espaço- temporais e mais geralmente circunstanciais (tempo da enunciação, lugar da enunciação, circunstâncias da enunciação, que incluem a presença de alocutários determinados...).

Como parte das condições de produção descritas acima, Gadet *et* Hak (1997. p. 82-83) sugerem os lugares sociais, responsáveis por designar lugares determinados na estrutura de uma formação social, na hipótese de que esses lugares sociais são representados no discurso. Isso não ocorre de maneira objetiva no discurso, tal qual se dá na sociedade, mas através de *formações imaginárias* que designam os lugares dos interlocutores, legitimando ou não os dizeres. Essas formações também “estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações)” (GADET; HAK, 1997, p.82-83).

As Condições de Formação de um processo discursivo no interior de uma Formação Discursiva de referência tangem a questão da interdiscursividade, já que as Formações Discursivas se constituem numa fronteira instável de oposição, no

nível interdiscursivo, de enunciados – elementos do saber próprios a uma Formação Discursiva. Courtine destaca que os limites fundamentalmente instáveis entre as Formações discursivas permitem que enunciados, que têm caráter “indefinidamente repetível” sejam repetidos, reformulados, transformados no fio do intradiscursos sujeitos às condições de produção que descrevemos acima.

A articulação dos dois planos, das Condições de Formação e das Condições de produção, autorizará que se apreendam as relações entre enunciado e formulação, sujeito do saber e sujeito enunciador, de tal modo que identifiquemos os domínios da memória, da atualidade e da antecipação (COURTINE, 2009, p. 109-110).

4 SEXUALIDADE, IDENTIDADE DE GÊNERO E SOROPOSITIVIDADE

Devemos destacar, primeiramente, a já estigmatizada relação das sociedades judaico-cristãs com os homossexuais. A partir do séc. XVII, segundo Foucault (1999), a homossexualidade passa a ser definida como não natural e não normal, pois não permite a função de reproduzir e interfere no uso da força produtiva da sociedade burguesa. Com isso, produz-se uma desumanização, inferiorização e segregação dos homossexuais. Dada esta conjuntura inicial, vários séculos de exclusão e até criminalização da homossexualidade se sucederam. Podemos notar que até hoje o “assumir-se” homossexual consiste num desafio perante a sociedade. Dito isto, fica mais clara a composição do quadro social adverso existente na década de 1970, momento em que floresciam os primeiros movimentos políticos sobre a questão, mas em que também se deu a descoberta dos primeiros casos, notadamente neste grupo, e a doença passou a ser conhecida como “peste gay”. Como na época pouco se sabia a respeito da doença, a não ser a velocidade com que fragilizava e matava seus portadores, o pânico e a rejeição se tornaram palavras de ordem. Percebemos, então, que a hostilidade ganhou duplo sentido.

Para Ayres (2002) o recorte social é determinante no desafio da prevenção da doença e dentre os aspectos que produzem vulnerabilidade estão:

a pobreza; a exclusão de base racial; a rigidez de papéis e condutas nas relações de gênero; a intolerância à diversidade, especialmente de opção sexual; o limitado diálogo com as novas gerações e a conseqüente incompreensão dos seus valores e projetos; o descaso com o bem estar das gerações mais idosas e a impressionante desintegração da sociedade civil no mundo globalizado (Castells, 1999), gerando uma violência

estrutural que amalgama todos os demais aspectos de vulnerabilidade num perverso sinergismo (FARMER et al. 1996; PARKER & CARMARGO JR. *apud* AYRES, 2002).

Quanto à rigidez e condutas nas relações de gênero e à intolerância à diversidade, Richard Parker (2002) explica que no Brasil convivem e se harmonizam três modos de pensar a relação entre homens. No mundo urbano, em que predomina a relação de segregação (LARA; LIMBERTI, 2015), há uma vida passando em paralelo (muitas vezes invisível) e em contraposição à vida heterossexual e dominante das cidades. Essa marginalização e transgressão fazem parte da vida e da cultura homoerótica construída, que começa por identificar-se e criar lugares e pontos para si, onde estariam mais seguros e invisíveis à sociedade heteronormativa. Uma não aceitação que leva à transgressão e torna essas pessoas mais vulneráveis aos perigos do mundo urbano. O estigma, portanto, pode ser um aliado da transmissão.

Para o antropólogo Richard Parker (2015), a atuação deficiente e discriminatória de políticos (em especial da bancada conservadora e religiosa) e da sociedade em geral reverberam a incidência da doença nesses grupos marginalizados. As tentativas fracassadas de inclusão, como lançar campanhas contra a homofobia nas escolas ou dirigidas à comunidade gay durante o carnaval refletem o descaso para com o grupo.

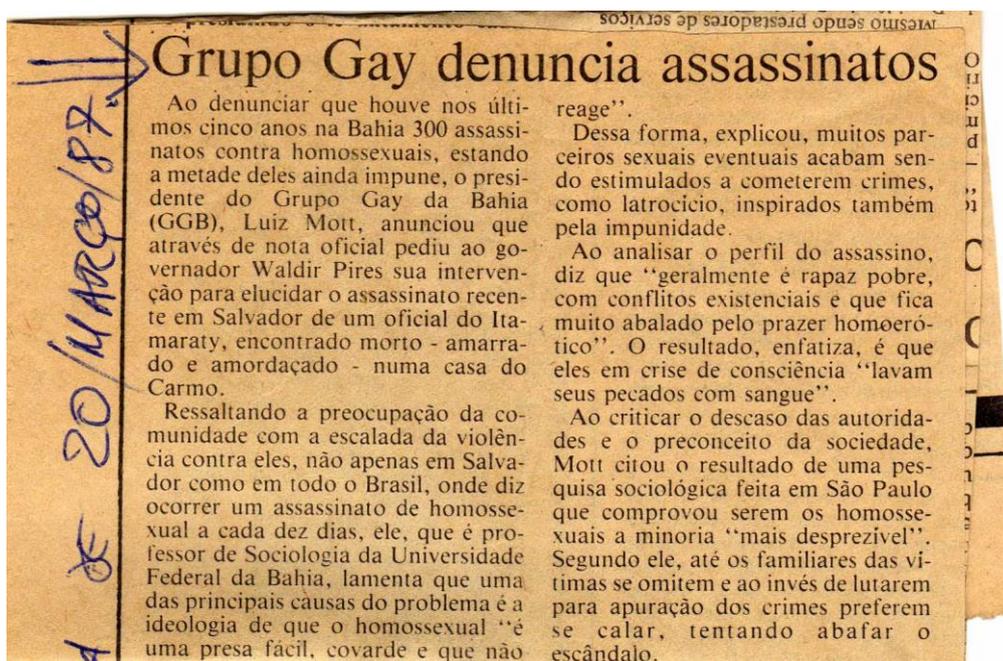
5 ANÁLISE DOS DADOS

Aqui proporemos a articulação explicitada acima entre as condições de produção e as condições de formação. Aquelas demonstrando quem são os sujeitos e qual o contexto imediato da enunciação e estas se relacionando ao interdiscurso e à memória discursiva responsável pelas reformulações dos enunciados e das sequências de referência. Veremos, com a análise do corpus, que as reformulações possíveis do discurso intolerante não cessaram, tanto no que tange à homofobia quanto ao vírus, bem como à relação entre ambos. Iniciaremos nossa análise pelo estigma que se relaciona à homofobia isoladamente e posteriormente, ao que se relaciona entre homofobia e HIV.

Quanto à memória discursiva, observamos na figura 1, anexada abaixo, que representa um recorte do jornal *O dia* em 1987, a denúncia feita pelo Grupo Gay da

Bahia devido a assassinatos causados pelo preconceito, que caracterizam o estigma que problematizamos no tópico a respeito da sexualidade. Interessante perceber que na figura 3, que mostraremos mais adiante, reformula-se a sequência “Segundo ele, até os familiares das vítimas se omitem e ao invés de lutarem para apuração dos crimes preferem se calar, tentando abafar o escândalo”. Na figura 3, comenta-se “Um alívio para os familiares, pois a família deve sofrer muito quando tem um filho g.a.y, e quando eles se vão a família fica aliviada”. Essas sequências refletem o domínio de saber associado à formação discursiva intolerante relativo à vergonha e ao estigma que se carrega por se ter um parente homoafetivo. Além disso, colocam no domínio da atualidade o que é pertinente à memória social e histórica no que tange à sexualidade.

Figura 1



Na figura 2, observamos outro recorte do jornal *O dia* datado de 1984 em que identificamos a relação entre HIV e homoafetividade estabelecida pelo discurso intolerante como domínio de saber/enunciado próprio a sua formação discursiva e reformulada até dias atuais. Essa relação constitui, dessa forma, um retorno ao interdiscurso que se faz no interior da sequência discursiva de referência e reflete mais uma vez irrupção da memória discursiva. Neste recorte há a menção a assassinatos de pessoas homoafetivas em Sidnei, Austrália – cidade citada como sendo local de residência para muitas delas – devido à atribuição de culpa por uma

“eclosão de um surto de Aids”. Outro fato que deve ser destacado é a contaminação do vírus no Banco de Sangue Nacional.

Figura 2

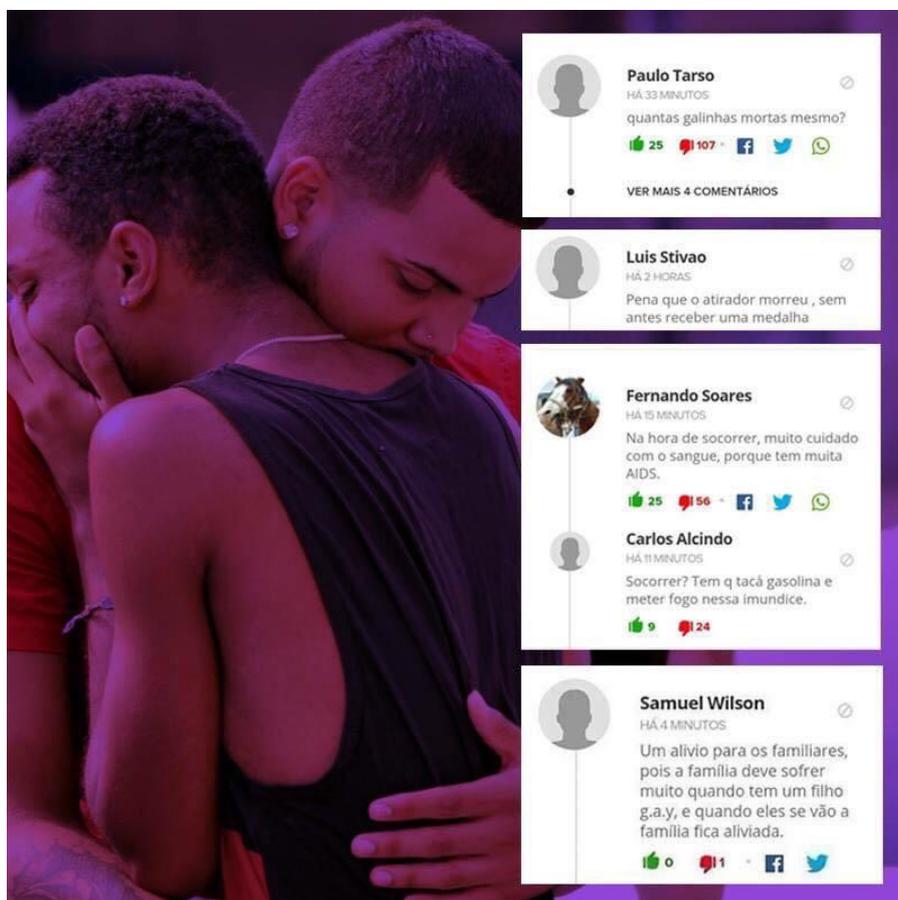


A discriminação sofrida em decorrência da relação que procuramos demonstrar acima, entre homoafetividade e HIV, curiosamente estabelece de maneira institucional sua revalidação diante do fato de que 19 milhões de litros de sangue são perdidos devido à determinação do Ministério da Saúde brasileiro de que homossexuais não podem doar sangue.

A figura 3, anexada abaixo, foi coletada depois do atentado no dia 12/06/2016 numa boate para o público gay em Orlando. Até os dias atuais notamos que o preconceito contra pessoas homoafetivas é realimentado. Isso é observado através do discurso intolerante na diferenciação entre as identidades: “nós” x “eles”, como vemos no primeiro comentário da figura abaixo: “quantas galinhas mortas mesmo?”. Tal comentário destaca o qualificador “galinhas”, que além da problemática da nomeação, a que não nos deteremos no artigo, demonstra uma distanciação, por não fazer parte do “nós”, e efemina os homossexuais masculinos, numa estratégia para inferiorizá-los. A mobilização das paixões fica evidente nos exemplos, em especial pelo ódio e pelo medo. O ódio se evidencia no enunciado que enaltece a ação do atirador, atribuindo-lhe o mérito de receber uma medalha e em que se

propõe que se ateie fogo nos corpos. Desta maneira, o sujeito repete o enunciado, aceitável discursivamente como domínio de saber dessa formação discursiva intolerante, que exclui o “outro” condenando-o à morte. Destacamos também o medo na sequência “Na hora de socorrer, muito cuidado com o sangue, porque tem muita AIDS”, pois reflete a preocupação com a saúde e com a transmissão da doença que se imagina que os homossexuais carregam, acentuando, desta forma, a exclusão e o caráter doentio da diferença, além de reiterar o domínio de saber associado à formação discursiva analisada que prega o imbricamento da homoafetividade e do HIV.

Figura 3



Abaixo temos a figura 4, composta por mais uma reformulação do enunciado que estabelece a relação que tentamos demonstrar entre HIV e homoafetividade, portanto de nível interdiscursivo. É importante destacarmos, no nível do intradiscursos, as condições de produção que se relacionam às sequências, pois mais do que nas sequências anteriores, nestas se explora com mais profundidade

as referências aos sujeitos da enunciação, constituindo uma ancoragem dos sujeitos discursivos às *formações imaginárias*. Entretanto, primeiro falaremos a respeito da situação da enunciação, como fizemos com as sequências anteriores. As sequências discursivas da figura foram coletadas após a votação (ocorrida no dia 17/04/2016) pelo afastamento da presidenta Dilma Rousseff na câmara dos deputados. Durante a votação, cada deputado se dirigia a uma tribuna para declarar seus votos. No momento em que o deputado Jean Wyllys, único deputado assumidamente homoafetivo do Brasil, se dirigiu à ela, o deputado Jair Bolsonaro direcionou xingamentos para Wyllys, que, em reação, dispara um cuspe na direção deste último. Já Bolsonaro, antes de defender o afastamento da presidenta, enalteceu um comandante do exército conhecido como torturador cruel nos tempos de ditadura militar. Nos últimos anos, o Brasil tem enfrentado momentos de grande polarização política entre a esquerda e a direita; por isso, qualquer embate desse tipo toma grandes proporções e defensores de ambos os lados ‘socorrem’ os envolvidos.

Figura 4

The image shows a screenshot of a Facebook post and a comment. The post is by Olavo de Carvalho, dated 'Ontem às 11:49'. The text of the post discusses the political situation and mentions a specific incident involving a congressman. Below the post, there are reaction icons and a count of '11 mil'. A comment by Miriam Franchini is visible, providing a detailed critique of the post's content and the author's perspective on the political and social issues mentioned.

Olavo de Carvalho
Ontem às 11:49 · 🌐

Se o deputado Jair Bolsonaro não quer processar o cuspidor fujão para cassar-lhe o mandato, ele está no seu direito. Mas, como virtual candidato à presidência, ele não tem o direito de expor-se à possibilidade de contrair doença grave. Ele tem a obrigação de requerer à Justiça que force o deputado Jean Wyllys a submeter-se a exame para verificar se sua saliva não transmite o vírus da Aids.

👍 🤔 🍷 11 mil

Miriam Franchini
Prezado,
Sou virologista e trabalho com o diagnóstico da infecção pelo hiv desde o começo da epidemia. A sua ignorância sobre as vias de transmissão do vírus são impressionantes. Até nos folhetos educativos escritos em linguagem primária e distribuídos para a população leiga em geral, desprovida em sua absoluta maioria do seu nível formal de instrução, consta a informação de que a saliva não contém vírus. Por esse motivo o HIV não se transmite pelo beijo e muito menos por uma cuspada. Uma afirmação absurda como a feita nesse post por um professor universitário e formador de opinião é uma afronta ao trabalho dos profissionais sérios que devotam sua vida a luta contra a epidemia de aids. Antes de escrever asneiras como essa, estude! Veja as estatísticas para aprender de uma vez por todas que a aids é doença de heterossexuais também! Acomete principalmente heterossexuais hipócritas como o senhor. Aliás, estude um pouco mais de história também, porque defender gente que faz apologia a um torturador é o ultimo degrau do mal caratismo que alguém pode descer. O senhor é um fanfarrão em busca de uns minutinhos de fama. Caso tenha traços de dignidade, retrate-se, porque o atestado de ignorância o senhor assinou nesse post! #prontofalei
PS: sou branca, casada, classe média, cristã, falo 3 idiomas, conheço o mundo, tenho sólida produção científica, sou bem amada, não sou petista e tudo o mais que o senhor parece valorizar ao classificar as pessoas, portanto nem tente usar seu machismo, homofobia, etc, para tentar depreciar meu comentário. Esse seu post é um deserviço a saúde publica
Editado · Curtir · 🗨️ 710 · Responder · Mais · há 27 minutos

73 respostas

Na figura analisada, é importante também notar a menção aos lugares sociais dos sujeitos. Olavo de Carvalho se intitula na rede social Facebook como filósofo e escritor. Atualmente, no Brasil, diante da polarização política mencionada, ele representa todo o conservadorismo que a direita do Brasil pode oferecer. Já sua interlocutora, Miriam Franchini, é virologista e pode ter seu currículo facilmente encontrado em domínios de busca governamentais. Esses lugares sociais, que determinam lugares na estrutura da formação social, são representados no discurso quando a virologista os põe em jogo em forma do que explicitamos acima como *formações imaginárias*, que legitimam ou não os dizeres.

Olavo de Carvalho, na sequência de referência “...como virtual candidato [...], ele não tem o direito de expor-se à possibilidade de contrair doença grave. Ele tem a obrigação de requerer à Justiça que force o deputado Jean Wyllys a submeter-se a exame para verificar se sua saliva não transmite o vírus da Aids” demonstra que se filia à formação discursiva intolerante ao sugerir a não inter-relação entre os dois deputados por medo. Além disso, Carvalho mobiliza o enunciado pertencente a esta formação discursiva ao relacionar o HIV e a homoafetividade, trazendo ao domínio da atualidade o já-dito da memória.

Na resposta a tal sequência, a virologista em primeiro momento demarca seu lugar social, portanto, legitima seu direito de falar com propriedade sobre o assunto e ao mesmo tempo se antecipa aos possíveis dizeres de possíveis réplicas, constituindo, desta forma o domínio da antecipação. Miriam Fachini também demonstra que não se filia à formação discursiva intolerante ao negar o domínio de saber/enunciado que lhe constitui, pois afirma “...Veja as estatísticas para aprender que a aids é doença de heterossexuais também!”. O domínio da antecipação pode ser observado novamente através da sequência “PS: sou branca, casada, classe média, cristã, falo três idiomas, conheço o mundo, tenho sólida produção científica, sou bem amada, não sou petista e tudo o mais que o senhor parece valorizar ao classificar as pessoas, portanto nem tente usar seu machismo, homofobia, etc, para tentar depreciar meu comentário”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos observar no artigo que o discurso intolerante se manifesta através da diferenciação entre “nós” e “eles” de modo a causar medo e ódio pelos que não se adequam ao contrato social. Desta forma, entendemos os modos pelos quais as pessoas homoafetivas se tornam objeto de estigma, bem como a forma como o medo se torna preponderante ao se enfatizar o caráter doentio da diferença que se refere às pessoas soropositivas. Além destas duas manifestações do discurso intolerante, percebemos uma terceira, que se relaciona ao domínio de saber constitutivo da formação discursiva intolerante e que tem sua origem na memória discursiva sobre a doença, que é a relação entre a homoafetividade e o HIV. Notamos também que essas reformulações que não têm base concreta atrapalham o convívio de pessoas homoafetivas bem como de pessoas soropositivas e acabam por se tornar aliadas da contaminação; tanto das pessoas homoafetivas, devido à exclusão, conseqüente baixa autoestima, falta de cuidado consigo e indiferença dos poderes públicos; quanto das pessoas heteroafetivas, porque podem se achar imunes ao vírus.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. São Paulo: Pontes, 1999.
- AYRES, Jose R. C. Mesquita. **Práticas Educativas e prevenção de HIV/Aids**. Interface – Comunicação e saúde educativa, v6, n11, p. 11-24, agosto de 2002. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832002000200002>. Disponível em: 28 set. 2015.
- COLAÇO, Rita. **Os sombrios anos da “peste gay”**: notas sobre o sistemático extermínio de homossexuais e travestis no Brasil. 2012. Disponível em: <<https://memoriamhb.blogspot.com.br/2012/11/os-sombrios-anos-da-peste-gay.html>>. Acesso em: 01/08/2016.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. 1999. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1226/foucault_historiadalsexualidade.pdf>. Disponível em: 29 set. 2015.
- GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do Discurso**: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- MANIR, Mônica. **Sexo inseguro**. 2015. Disponível em: <<http://m.alias.estadao.com.br/noticias/geral,sexo-inseguro,1641610>>. Acesso em: 29 set. 2015.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2001.

PARKER, Richard. **Abaixo do equador**. Rio de Janeiro, 2002. Ed. Record.

PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. São Paulo: Pontes Editores, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

ROCHA, Laio. **A sombra da 'peste gay'**: como a homofobia mata sistematicamente. 2016. Disponível em: <<https://ninja.oximity.com/article/A-sombra-da-peste-gay-como-a-homofobia-1>>. Acesso em: 01/08/2016